

sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro...

sou aquela mulher
do canto esquerdo do quadro:
pode um trabalho de arte narrar
com as mulheres anarquistas?¹

fernanda grigolin

*Pido a ti, lectora,
que al leerme escuches
a una mujer tejiendo en una máquina.
Sí, soy yo la tejedora.*

*Puedo ser también
una mujer tipógrafa que busca,
letra por letra,
poner un periódico en rotativa.*

*Puedo ser también
una mujer que maneja el telégrafo
y avisa en punto y trazo a otras mujeres:
oigan, vamos a empezar nuestra huelga.*

Fernanda Grigolin produz, edita, circula e pesquisa livros e publicações. Está artista e tradutora. Transita entre a palavra e a imagem. Doutora em Artes Visuais pela Unicamp. Contato: fernanda.grigolin@protonmail.com

*Estas son las imágenes,
te lo pido,
escúchalas, son mujeres.*

*Lo mejor sería hablar de mí en gerundio,
construyéndome,
armándome línea a línea
desde una temporalidad feminista.
Pero escribir en gerundio todo el tiempo
puede convertir lo que escriba
en algo muy aburrido,
casi un error lingüístico.*

*Haz, lectora,
el gerundio en ti,
lee estas palabras
con tu movimiento interno presente.
Solo la inquietud
construye saberes desviantes.
Sí, soy yo la narradora.*

Um trabalho em arte pode narrar sobre mulheres anarquistas?

Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro é uma publicação de 32 páginas que contém quatro postais em formato 10 x 15, impressos por meio de clichês tipográficos. Uma operária, *A Mulher do Canto Esquerdo do Quadro*, que viveu parte de sua vida (de 1900 a 1968) no bairro do Ipiranga, São Paulo, é a narradora da história. Trechos de publicações de mulheres anarquistas, como Maria Lacerda de Moura, Maria A. Soares e Luce Fabbri, convivem com

sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro...

relatos sobre as perseguições, as greves e o cotidiano. Sua amiga Tita Mundo, outra voz presente no livro, relata suas atividades grevistas no Brasil, México e Argentina. Cotidiano e documentos se cruzam com fatos históricos, como a Greve de 1917 em São Paulo, a Greve dos Inquilinos em Veracruz e fluxos migratórios entre Brasil e Argentina. O livro é um dos resultados de uma pesquisa de doutorado na linha de Poéticas Visuais.

Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro é uma pesquisa em Artes Visuais que dialoga com a História e com os Estudos Visuais. A proposta é construída por meio de uma metodologia feminista, tendo como base o conhecimento situado² e o anarcofeminismo.

A pesquisa não é sobre arte, mas em arte (como situação, meio) e com arte (junto a). Além da combinação da artista com a pesquisadora que pede uma construção metodológica adequada para o campo das Poéticas Visuais, *Sou Aquela Mulher* tem uma natureza interdisciplinar e múltipla. A linha de pesquisa em Poéticas Visuais se dedica a desenvolver poéticas e pesquisas teóricas e experimentais sobre processos artísticos de variados suportes. Contribui, nas palavras de Yiftah Peled, para “a prática, análise e construção do conhecimento do fazer artístico e de suas manifestações contemporâneas”³:

“Dentro desse perfil, essa linha de pesquisa torna-se um legítimo espaço onde artistas têm se envolvido na condição de pesquisadores com grandes desafios metodológicos, uma vez que eles buscam articular suas poéticas pessoais dentro de uma estrutura acadêmica, e também pela complexidade que transpassa a produção de um volume de escrita acadêmico.”⁴

Considero a arte um ofício produtor de conhecimento, não apartado do dia a dia nem dos códigos de disputa do cotidiano. Gênero, sexualidade, raça/etnia, classe social, corpo e ideário (anarquismo) desempenham papéis cruciais nos processos históricos e também são partes constituidoras do fazer artístico. Mesmo que a circunstância da minha pesquisa não seja a história social, ela perpassa questões que muitas historiadoras feministas já apontaram, como: o que significou para a vida das mulheres operárias a participação no movimento anarquista? Por que há um ocultamento das produções femininas mesmo dentro de um movimento que preceitua o antiautoritarismo, a horizontalidade e a liberdade como feito social?

Considerando que a emancipação da mulher constitui uma necessidade para a liberdade dos povos e que essa emancipação só se conseguirá mediante instrução racional e científica e pela luta consciente, em prol dos seus direitos e reivindicações, este centro propõe:

1º - Reunir em seu seio o maior número possível de pessoas do sexo feminino.

2º - Manter as mais estreitas e amistosas relações com todas as pessoas que tenham aspirações de liberdade e com as Instituições cujos fins tendam à emancipação da humanidade.

3º - Trabalhar no sentido de instruir e educar as mulheres, para, assim, elevar-lhes o caráter e torná-las aptas a conquistar sua emancipação. Para esse fim empregará os seguintes meios:

Criar Escolas gratuitas para jovens meninas que desejam instruir-se.

Fundar bibliotecas, editar publicações de propaganda de educação e regeneração social.

Organizar conferências, festivais, instrutivos, recreativos etc.

4º - Combater todos os males sociais, assim como as causas que os originam, e aderir a todas as iniciativas que tiverem esse fim.

Maria A. Soares,
"Centro Feminino".
O Grito Operário,
6 de março de 1915

sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro...

Não pretendi responder essas perguntas, mas dialogar com as respostas dadas por pesquisadoras e militantes. Mesmo localizada em uma circunstância de produção artística (e situada), a tese não está exclusivamente posta no lugar da arte, ela se relaciona com a metodologia feminista, que situa a pesquisadora no mesmo plano crítico daquilo que estuda.

A busca é por uma escritura feminista do corpo que reencarne a visão e a situe. Conforme Donna Haraway, precisamos encontrar nosso caminho, “por meio de todas as armadilhas visualizadoras e dos poderes das ciências e das tecnologias modernas que têm transformado o debate sobre a objetividade (...). Necessitamos aprender em nossos corpos (...) como ligar o objetivo a nossos escâneres políticos e teóricos para nomear onde estamos e onde não estamos, isso tanto nas dimensões mentais quanto físicas.”⁵

um trabalho de arte pode narrar, uma narradora pode conduzir uma tese

A narradora relaciona-se com o que denomino narrativa encarnada, uma homenagem ao conhecimento situado de Donna Haraway. Os saberes feministas são objetividades encarnadas. É uma objetividade que não serve à falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades, para se dedicar a uma encarnação particular. Apenas uma perspectiva parcial promete uma visão objetiva: uma visão em que se põe em jogo o problema da responsabilidade como gerador das práticas visuais.⁶ A objetividade encarnada é hostil aos relativismos e à visão holística, pois tanto a parte quanto o todo são importantes para o conhecimento.⁷

A narrativa encarnada é parte do conhecimento situado e, para realizá-lo, ocupa-se um lugar de forma responsável. Na narrativa encarnada utilizam-se práticas de visualização e seus instrumentos (a câmera, por exemplo) para contar algo (texto, vídeo, fotografia). No meu caso, a narrativa depende de uma narradora (*A Mulher do Canto Esquerdo do Quadro*) e do olhar encarnado que orienta a construção. Este parte da vista/visão, é um dos atributos de sua natureza se opor aos significados desencarnados (militarismo, capitalismo, colonialismo e supremacia masculina).

A narrativa encarnada só existe porque há uma produção feminista metodológica e de produção de conhecimento. A narrativa é uma prática editorial e visual de um corpo feminista posto no mundo. Para a construção de *Sou Aquela* parti dos seguintes pressupostos:

- Pressuposto 1: A história das mulheres como luta anticapitalista

O corpo, em uma sociedade capitalista, é o principal lugar de exploração e resistência. O corpo das mulheres é apropriado pelo Estado e pelos homens, e forçado há séculos a funcionar como meio de reprodução e acumulação de trabalho. É a esfera central para a constituição da feminilidade.⁸

- Pressuposto 2: Artista como intelectual público

Existem artistas que são intelectuais públicos e realizam o exercício da produção escrita e da leitura como lugar de resistência e de produção de conhecimento.

sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro...

Andre Reszler diz que a estética anarquista se define sob uma sensibilidade antiautoritária e prolonga a irradiação de um conjunto de teorias e práticas revolucionárias. O ato criativo é valorizado, o artista é comprometido e deve destruir tudo que separa a arte e a vida.⁹

- Pressuposto 3: Narrativa como lugar artesanal e encarnado

Enxergo acompanhada de outras mulheres que vieram antes de mim, as quais realizaram pesquisas no âmbito feminista e anarquista, tanto como acadêmicas quanto como militantes. Na companhia dessas mulheres, consigo ter mais de um ponto de vista, pois o lugar que habito se encontra com os lugares delas. Logo, escuto e produzo por meio de um gesto social e coletivo. Compartilho do gesto que provém de artesãos intelectuais,¹⁰ sejam pessoas trabalhadoras das tecelagens, das tipografias ou de qualquer outro ofício manual mecanizado.

- Pressuposto 4: Conhecimento situado como lugar dos olhos abertos

O desafio no campo metodológico era unir-me a uma perspectiva feminista cujas fronteiras entre teoria e prática, ato e discurso fossem moventes e construtoras de saberes encarnados; com uma prática artística responsável, nem totalizante nem relativista, porém dotada de uma “construção apaixonada” que fosse parte de uma luta por uma doutrina e uma prática da objetividade e que transformasse o conhecimento e as práticas visualizadoras.¹¹

- Pressuposto 5: A escrita como personificação da narradora

Ao se encontrar com a desconhecida, *A Mulher do Canto Esquerdo* passa a falar sobre sua vida e o anarquismo, por meio de documentos que guardou e de momentos que viveu, e mostra a biografia que recebeu de Tita Mundo, a amiga revolucionária que foi expulsa do Brasil sob o pretexto de ser imigrante. Tita Mundo é 22 anos mais velha do que a narradora. A narrativa se constrói por meio de uma tríade de mulheres: a narradora, a entrevistadora (jovem anônima) e Tita Mundo. O encontro delas é também um encontro geracional de mulheres, intermediado por relatos e documentos.

- Pressuposto 6: O anarcofeminismo como temporalidade

O anarcofeminismo é uma articulação prático-teórica do feminismo com o anarquismo. A nomenclatura surgiu na contemporaneidade, e seu uso não pretende “encaixar” as anarquistas de cem anos atrás como anarcofeministas, pois essa não era uma questão de seu tempo. Todavia, ao se propor uma temporalidade anarcofeminista como um lugar de montagem de um trabalho de arte, pretende-se tensionar o pensamento linear de presente-passado-futuro e dialogar com as mulheres do passado; obviamente considerando seu tempo histórico e o nosso, e realizando uma temporalidade sob um anacronismo controlado.¹²

sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro...

Essa mesma mulher que reparte altas somas para a construção de igrejas ou “creches” religiosas explora, torpemente, os criados, a cozinheira, a lavadeira, a costureirinha contratada para trabalhar em sua casa, horas e horas, sob o olhar impertinente da mundana ociosa, da criatura virtuosíssima que, pelas colunas da imprensa, espalma as mãos dadivosas consolando os infelizes, os mal instalados na vida... Dá por um chapéu, por uma pluma, um brinco, um vestido de baile, um leque, uma sombrinha, uma joia, por qualquer fantasia, somas fabulosas, inacreditáveis, entretanto, exerce pressão vergonhosa sobre a sua bordadeira que lhe cobra uma miséria por qualquer trabalho feito com sacrifício inaudito, em horas torturantes de agonia, à noite, depois de exausta do trabalho diário do ateliê– no qual também já lhe tiraram gotas de sangue, na amargura da exploração pelo salário cotidiano.



aria Lacerda de Moura

o nascimento da narradora: o que pungiu

A narradora, *Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro*, nasceu quando eu estava sozinha na quitinete em Campinas. Ao passar o filme *Funerais do Comendador Jafet* para *frame*, realizei um gesto de ler *frame a frame* na tela, gerenciada pela velocidade do meu indicador esquerdo rolando o *mouse* do computador. A passagem da imagem em movimento para a fotografia e o ato de dar o tempo da visualização me possibilitaram notar aquela mulher. Como não a tinha visto antes? Eu assisti àquele filme por muitas vezes nos últimos dez anos. Mas foi na desmontagem do filme que a mulher apareceu...

“Uma imagem sem imaginação é pura e simplesmente uma imagem que não nos dedicamos a trabalhar. Pois a imaginação é trabalho, *esse tempo de trabalho das imagens* agindo incessantemente umas sobre as outras e por colisões e fusões, por rupturas e metamorfoses... Sendo que tudo isso age sobre a nossa própria atividade de saber e de pensar. Para saber, portanto, é realmente preciso imaginar-se: *a mesa de trabalho* especulativa é inseparável de uma *mesa de montagem* imaginativa.”¹³

Ao assistir com minhas próprias mãos àquele documentário que eu tinha apenas visto, pude estudá-lo, observar seus detalhes e, por consequência, imaginar e criar *A Mulher do Canto Esquerdo do Quadro*. Por eu a ter percebido nesse gesto artesanal de desmontar, aquela imagem já era distinta das demais fotografias que eu havia colhido nos arquivos e nos álbuns de família. Aquela mulher parecia minha ancestral, talvez minha bisavó. *A Mulher do Canto Esquerdo* foi o fio condutor de todo o processo. Ela precisava ter uma história própria, uma história que ela poderia ter contado, localizada no seu tempo, já que há marcas históricas na imagem e a legibilidade de uma imagem vem de seu tempo.¹⁴

A origem social, os cabelos crespos, a timidez ao olhar. Não era uma relação simples. Parecia que aquela mulher me remetia a algo que envolvia a minha escolha militante e acadêmica. Como eualaria disso em um projeto de arte?

A Mulher está em frente à Fiação Tecelagem e Estamparia Jafet. Ela usa um vestido xadrez. Há diversas pessoas ao seu redor, há crianças com ela, talvez seus filhos. A imagem me fisga; ela é um estimulante, e lembro-me do *punctum* barthesiano. *Punctum*, para Roland Barthes,

sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro...

é o que punge, o que tem força de expansão. Essa força, segundo Barthes, é quase sempre metonímica e ligada à imagem por fatores subjetivos e pessoais; ela fere a ordenação e a objetividade do *studium*.

“O *punctum* é uma picada, um pequeno buraco, uma pequena mancha, um pequeno corte – e também um lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere).”¹⁵

Uma das classes ignominiosamente explorada, a classe das costureiras de carregação, na sua quase totalidade de mulheres, agita-se atualmente em São Paulo, para arrancar um aumento de salário aos seus patrões. Estes, quase todos de nacionalidade estrangeira, sórdidos e exploradores em máximo grau, negaram-se a satisfazer o pedido das operárias. Estas declararam-se em Greve imediatamente.

Terra Livre, 26 de
novembro de 1907

Ao olhar a imagem da mulher com a mão na boca dentro do quadro criado pelo aparelho construtor de imagens técnicas, remeto-me ao extraquadro que seria, para mim, outras mulheres operárias do século passado. Entrego-me à imagem, e ela é a força ativadora de todo o processo de construção de uma proposta artística e conceitual.

A mulher aparece em um trecho de doze segundos do documentário *Funerais do Comendador Jafet* (1924). É no bairro do Ipiranga, na cidade de São Paulo, a cena. O documentário, de acordo com a Cinemateca Brasileira, foi organizado por José Inácio de Melo Souza, que estabeleceu a data da filmagem entre 27 de dezembro de 1923 e 3 de janeiro de 1924. Antes da edição realizada por Souza, o material examinado encontrava-se disperso em pequenos rolos referentes aos planos/quadros, sem letreiros ou intertítulos, num total de 340 metros. O filme restaurado pela Cinemateca Brasileira foi exibido no projeto Resgate do Cinema Silencioso Brasileiro, financiado pela Caixa Econômica Federal, em 2007 e 2008.

o livro *Sou Aquela Mulher*

Ao se tornar página, *A Mulher do Canto Esquerdo do Quadro* inicia um percurso, um encontro com outras mulheres para contar uma história. Ela se encontra com mulheres que possuem uma classe social específica (operária) e realizam greves não apenas como um elemento de pressão, e sim de expressão.¹⁶ Do *punctum* passo a criar uma narrativa, a narrativa encarnada, fruto de um olhar encarnado, conhecimento situado.¹⁷

sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro...

A narrativa é experiência comunicável, vinculada à palavra oral. Quem narra retira da experiência o que conta.¹⁸ A narrativa passa por uma experiência de espaço (o Ipiranga), e tem um vínculo com o vivido, seus percursos, mapas e ações cotidianas. Assim, mesmo quando se escreve, *A Mulher do Canto Esquerdo do Quadro* vincula-se ao que poderia ter vivido e praticado, a sua experiência.

aos soldados

Soldados! Não deveis perseguir os vossos irmãos de miséria. Vós, também, sois da grande massa popular, e, se hoje vestis a farda, voltareis a ser amanhã os camponeses que cultivam a terra, ou os operários explorados das Fábricas e Oficinas.

A fome reina em nossos lares, e os nossos filhos nos pedem pão! Os perniciosos patrões contam, para sufocar as nossas reclamações, com as armas de que vos armaram, ó soldados.

Essas armas eles vo-las deram para garantir o seu direito de esfomear o povo.

Mas, soldados, não façais o jogo dos grandes industriais que não têm pátria.

Lembraí-vos que o soldado do Brasil sempre se opôs à tirania e ao assassinato das liberdades.

O soldado brasileiro recusou-se no Rio, em 81, a atirar sobre o povo quando protestava contra o imposto do vintém e,

até o dia 13 de maio de 1888, recusou-se a ir contra os escravos que se rebelavam, fugindo ao cativêiro!

Que belo exemplo a imitar!

Não vos presteis, soldados, a servir de instrumento da opressão dos Matarazzos, Crespi, Gamba, Hoffman etc., os capitalistas que levam a fome ao lar dos pobres, e gastam os milhões mal adquiridos e que esbanjam com as cocotes.

Soldados!

Cumpri o vosso dever de homens! Os grevistas são vossos irmãos na miséria e no sofrimento; os grevistas morrem de fome, ao passo que os patrões morrem de indigestão!

Soldados! Recusai-vos ao papel de carrascos!

São Paulo, junho de 1917

UM GRUPO DE MULHERES
GREVISTAS

A encarnação particular da *Mulher do Canto Esquerdo* é ser uma mulher operária brasileira, que viveu no século XX na cidade de São Paulo e tomou conhecimento do anarquismo por meio da prática coletiva de outras

mulheres. É ela quem narra, mas se encontra com mulheres e alguns homens com os quais tomou conhecimento e contato. A narrativa é encarnada, particular, porém produz conhecimento situado. Dentro da narrativa há o que se chama ponto de vista, “que preside à organização da narrativa de uma obra particular”¹⁹; o ponto de vista é a orientação do olhar da narradora, a ele relacionam-se o plano espacial e o plano temporal.

a voz, a primeira pessoa: como começa o livro

SIM, SOU EU.²⁰ Eu me lembro do ano, era 1923. Coloquei meu principal vestido e fui acompanhar o cortejo fúnebre em frente à Fábrica. Todos estavam com suas melhores roupas, as crianças corriam por todos os lados. O Chefe da Fiação estava lado a lado do Feitor. Todos perto de mim pareciam em festa, pouco choro. Pra gente, era muito mais um dia de feriado que de dor. Nami Jafet tinha morrido, final de ano. Não sei muito bem do que ele morreu. Faz tanto tempo. Eles abriram as portas da mansão, e alguns de nós acompanhamos dali. O Zé, meu falecido, foi. Ele queria ver de perto o dinheiro todo em mármore e as escadas desenhadas. Eu me neguei a entrar. Casa grande pra pouca gente nunca me fez bem.

As ruas de baixo e de cima do Ipiranga estavam lotadas de bandeiras. O meu vizinho aproveitou o terno do casamento dele, uma semana antes, colocou e saiu pelo bairro. Uma moça que trabalhava comigo na Fiação vestiu a mesma roupa que usou no Natal, ela me confidenciou.

Carros e cavalos passavam. Homens fotografavam e filmavam. Um estava bem ao meu lado. Eu olhei algumas

sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro...

vezes para ele. Ele é algum parente seu? Como conseguiu esta foto? Eu me lembro tanto desse vestido xadrez. Eu mesma costurei. Usei o mesmo tecido feito na Fábrica. Era o único pano que eu conseguia comprar na época.

O enterro do Jafet foi muito diferente do enterro do Martínez, seis anos antes. Você nunca ouviu falar do Martínez?! Nessa história eu não saí em foto de perto, mas vivi muito mais aquele momento. Era 1917, o Martínez tinha sido gravemente ferido em frente ao Mariângela e logo morreu. As ruas do Brás tomadas pela cavalaria que vinha sem dó para cima das pessoas. Crianças e mulheres foram arrastadas.

Alguns tiros, eu escutei. Uma menina bem pequena morreu no mesmo dia. Acho que ela se chamava Eduarda. No dia 11 de julho, todos nós vestíamos preto, éramos muitas mulheres, as bandeiras eram simples, cortamos tecidos pretos e vermelhos que tínhamos em casa. Empunhávamos, gritávamos. A morte de Martínez não era aceita, ele era nosso camarada de luta.

Notas

¹ Tese defendida em janeiro de 2020 no Instituto de Artes da Unicamp, cujo título é *Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro: a história das mulheres anarquistas como narrativa encarnada*. Imagens retiradas do livro *Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro*, de Fernanda Grigolin, e projeto gráfico de Laura Daviña. Tenda de Livros. Poema da autora.

² Donna Haraway. *Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinvencción de la naturaleza*. Tradução de Manuel Talens. Madrid, Ediciones Cátedra, Instituto de la Mujer; Valencia, Universidad de Valencia, 1995.

³ Yiftah Peled. “Metodologias em poéticas visuais”. *Revista Porto Alegre*. Porto Alegre, vol. 19, n. 33, nov. 2012.

⁴ Idem, p. 116.

⁵ Donna Haraway, 1995, op. cit., p. 12.

⁶ Idem.

⁷ Ibidem, p. 15.

⁸ Sílvia Federici. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo, Elefante, 2017.

⁹ André Reszler. *La estética anarquista*. Buenos Aires, Libros de la Araucaria, 2005.

¹⁰ Silvia Rivera Cusicanqui & Zulema Lehm Ardaya. *Lxs Artesanxs Libertarixs: y la ética del trabajo*. Buenos Aires, Tinta Limón y Madreselva, 2013.

¹¹ Donna Haraway, 1995, op. cit., p. 15.

¹² Nicole Lorau. “Elogio do anacronismo” in Adauto Novaes (org.). *Tempo e História*. São Paulo, Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

¹³ Georges Didi-Huberman. *Imagens apesar de tudo*. Lisboa, KKYM, 2012, p. 154.

¹⁴ Walter Benjamin. *Obras escolhidas: Rua de mão única*, vol. 2. São Paulo, Brasiliense, 1987.

¹⁵ Roland Barthes. *A câmara clara: Nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 46.

¹⁶ Michelle Perrot. “A história feita de greves, excluídos & mulheres (entrevista)”. *Tempo Social; Revista Sociologia*. São Paulo, USP, out. 1996.

¹⁷ Donna Haraway, 1995, op. cit.

¹⁸ Walter Benjamin. *Obras escolhidas: Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 201.

¹⁹ Paul Ricoeur. *Tempo e narrativa*, tomo II. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, Papirus, 1995, p. 155.

²⁰ Trecho inicial do livro *Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro*.

sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro...

Resumo

Sou <primeira pessoa do verbo ser> Aquela <referente externa> Mulher <pessoa que se reconhece como pertencente ao gênero feminino> do Canto <localização na margem, limite> Esquerdo <lugar no qual se localiza, ponto de vista> do Quadro <frame, paisagem, recorte>.

Palavras-chave: Feminismo, arte, mulheres anarquistas.

Abstract

I am <first person of the verb to be> That <external referent> Woman <person who is recognized as belonging to the female gender> in the Left <place where it is located, point of view> Corner <location on the margin, borderland> of the Frame <frame, landscape, profile>.

Keywords: Feminism, art, anarchist women.

I am That Woman in the Left Corner of the Frame: Can an Art Work Narrate with the Anarchist Women?, Fernanda Grigolin.

Recebido em 6 de setembro de 2020. Confirmado para publicação em 15 de setembro de 2020.